


O gato

O genero gato (*felix*) de Linneo constitue, nas classificações actuaes, uma das familias da ordem dos mammiferos carniceiros.

Destinado pela natureza a viver de rapina, foi o gato provido de uma organisação accommodada a tal fim. As unhas, que se conservam recolhidas como n'um estojo, sem perigo de se embotarem, sáem, á vontade de seu dono, agudas e penetrantes para dilacerar a preza. A maior ou menor força de luz não lhe impede a visão, pela faculdade que tem de contrahir a pupilla até ás dimensões de uma simples fenda.

Quem estudar bem os habitos do gato domestico, poderá formar idéa d'este genero no estado selvagem. Das especies apenas indicaremos o gato bravo, um pouco maior que o domestico, e d'onde este procede; o leão, tigre, leopardo, panthera, etc.

Se quizessemos mencionar tudo que tem dito naturalistas e não naturalistas, sobre as qualidades do gato, encheriamos um volume. Para uns é animal intelligente, manso, agradecido. Para outros é estupido, interesseiro, ingrato, e até o halito é pestifero; não ama ninguem, só conhece a casa ou local onde está costumado a habitar.

Depois de tão encontradas opiniões, antes de emittir alguma, commemoraremos os bons e maus fados da raça felina.

No antigo Egypto chegaram os gatos a ser adorados. Os musulmanos tambem lhes dedicam grande estima, e não é raro encontrar em testamentos deixas a favor d'elles. Não falta santa mulher que, com toda a seriedade, conte aos filhos que o propheta de Deus, antes quiz cortar um pedaço do seu caftan, do que perturbar o somno do valido *bichano*.

Segundo affirma um viajante, existe perto de Babel Nasz, no Cairo, á porta da Victoria, um hospital em que são recolhidos os gatos doentes, ou vagabundos.

Mas já a sorte não lhes era tão propicia n'um paiz de christãos. Na edade media era costume em Paris, na noite de S. João, fazer uma fogueira, a que se dava o nome de *arvore de S. João*, e aonde se atava um cesto, ou coisa similhante, cheio de gatos vivos. Vinha el-rei com a corte pôr solemnemente fogo á arvore, com a qual, já se vê, ardiam tambem os pobres gatos. Antiquarios houve, que viram n'isto um resto de sacrificios gaulezes. Seja o que for; o que é certo, é que o ultimo rei que largou fogo á arvore de S. João foi Luiz XIV, até que o uso desappareceu de todo no tempo da revolução.

Outro facto digno de lembrança é o risco em que esteve a guarnição de Ormuz, de morrer á sêde por causa dos gatos!

Tendo-se levantado os mouros contra o dominio portuguez em 1521, atacaram a fortaleza por varias vezes. Não podendo tomal-a, resolveram abandonar a ilha, o que effectivamente fizeram retirando-se para Queixome, depois de pôrem fogo á cidade. Os portuguezes, que já tinham falta d'agua e de mantimentos, saíram logo da fortaleza, e, segundo um escriptor contemporaneo que narra este acontecimento, — « inda acharam muytas tamaras e agoa em cisternas, de que recolheu cada um a que quis, mas daly a tres dias toda foi danada com os gatos, que

sendo as casas despejadas da gente nom achavam agoa, e hyam beber ás cisternas e cayam dentro com que morriam, e a agoa toda se danou, fedorenta, que se nom podia beber; com que a gente foy em muyto aperto, com que forçadamente Manuel de Sousa foy buscar agoa, que achou daly a quatorze legoas... »

Passâmos em silencio muitos outros factos, para tentarmos assentar alguma coisa a respeito das boas ou más qualidades das mencionadas alimarias.

É maxima corrente que os adagios resumem a sabedoria das nações. Será, pois, dos adagios que deduzamos algumas provas para esclarecer a questão.

*Bem sabe o gato cujas barbas lambe*: diz o rifão, querendo-nos mostrar que o gato sabe bem o caminho por onde ha de marchar para o seu interesse. Quem assim pratica, nem é estupido, inerte, nem estulto. A conclusão que d'aqui se tira, é favoravel ao gato.

*Andar como gato por brasas;* tratar de evitar o perigo o mais depressa possivel. É proceder de prudente, e ainda por isso não merece sensura.

*Bem se lambe o gato depois de farto.* Se d'este adagio nada concluimos a favor, tambem nada se póde argumentar em contrario. Crêmos que tanto racionaes, como irracionaes, folgam quando tem o estomago conchegado.

*De noite todos os gatos são pardos.* A culpa não é dos gatos, mas de quem olha para elles, que confunde brancos, pretos, pardos e maltezes, tudo em uma côr. Este proverbio foi — de certo que foi — formulado por algum litterato myope, em tempo que ainda se não usavam lunetas.

E que culpa tem o *bicho*, se fraudulento taberneiro, abusando da confiança dos seus freguezes, lhes *vende gato por lebre?*

*Gato escaldado de agua fria tem medo.* É o seu maior elogio, é maior prova de bom siso: não despreza as lições da experiencia.

*Dar ao gato o que ha de levar o rato.* Podéra! Pois quereis, meu leitor, que os ratos não vos manchem as iguarias, não vos estraguem os vestidos, e julgaes um grande favor pagar este serviço ao pobre gato, que se contenta com um carapau, ou dez réis de bofe?

*Fartar, gatos, que é dia de entrudo.* Grande generosidade! Depois dos donos da casa terem recheado os estomagos de delicado perú, de succulento lombo de porco, e de todos os mais bons bocados, não deixariam o gato saborear algum osso menos escarnado?

*Quando em casa não está o gato estende-se o rato.* Outra prova do prestimo do gato; pois só com a sua ausencia, é que os damninhos inimigos do queijo e presunto podem estender as suas excursões. É por isso que *de casa do gato não váe o rato farto*, e por conseguinte, *quando morrem gatos, banquetêam-se os ratos*, que adivinhám que por esse facto ficam livres do seu mais encarniçado inimigo, de quem lhes era difficil livrarem-se, apesar dos escondrijos que procuram, porque *rato que não sabe mais que um buraco, depressa o toma o gato.*

Ainda mais: quantas vezes é calumniado o gato por causa d'um menino travesso, ou de uma serva golosa? Quebra o menino uma terrina, deita uma compoteira no chão, estraga o doce; a criada apanha o seu bocado de presunto, ou a sua posta de peixe para mimosear o gallego que serve a casa; quem carrega com todas estas culpas? o gato. E não será isto *tirar a sardinha com a mão do gato?* Creio que sim; e é coisa tão notoria, que se póde dizer: *isto sabem-n'o cães e gatos.*

De tudo que expuzemos póde-se concluir, que o gato é prestavel, é intelligente, é sensato, e é prudente; e além d'isto é folgazão e destro.

Qual dos nossos leitores ou leitoras não se terá sorrido com certa complacencia, ao ver o *bicho* saltando petulantemente, rolando-se arqueando-se, mordendo e esbofeteando um sapato que apanhou desgarrado? Não seria tão pittoresca lucta que deu origem a *fazer de alguem gato sapato?*

É a sua agilidade não é bem conhecida? Que volantim ou pelotiqueiro, por mais atrevido que seja, ousará deitar-se do telhado de quinto ou sexto andar, á rua, para, depois de innumeraveis viravoltas aéreas, *cair em pé como os gatos?*

Em summa, de tantos adagios, uns nada provam contra o gato, os outros, todos, são-lhe favoraveis. O unico que poderia depôr contra o prestimo de taes animaes, o de *gato miador nunca bom caçador*, considera-mol-o como excepção, que em nada invalida a regra geral.

A crença popular, que suppõe incurso na pena de sete annos de trabalhos ó matador de um gato, seria — embora superstição — um eloquente protesto contra os maus tratos dados por vezes áquelles animaes, se não fosse attenuada por outra crença de pedreiros e carpinteiros, que julgam succederá desgraça a algum d'elles quando lhes apparece um gato todo preto, estando a trabalhar em construcção alta. A consequencia é o infeliz gato ser apedrejado e espancado sem misericordia, retirando-se derreado, quando não fica morto no lugar aonde a sua má sina o trouxe.

Mas, apesar de tão barbaro procedimento, e de tudo que tenham podido dizer os detractores, o gato ha de ser sempre o amigo e companheiro das familias, porque é prestavel; e, se o não fôra, como teria lembrado applicar a palavra *gato* a coisas tão diversas, mas todas de utilidade? Se não vejamos.

Em que estado de perfeição estaria o apparelho dos navios, se os moitões e cadernaes não tivessem gatos?

Até na economia domestica, que applicação se poderia dar a uma rica travéssa da India que se partiu, ou a outra qualquer peça de louça, se não se tivesse inventado o deitar-lhe gatos?

Em fim, que seria do alfaiate, a quem entregaes panno para uma casaca, se não tivesse a habilidade de poupar, para si, um bocado a que, em prova de reconhecimento, dá o nome de gato?

Por derradeiro, leitor, ainda que não acheis a este apontoado outro merecimento, senão de vos ajudar a matar um bocado de tempo, servir-me-ha isso de recompensa, porque não sou ambicioso, e pouco me basta para estar *contente como gato com bofe.*

G. G.

---

## SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 82)

### A MENINA DE VAL-DE-MIL

### VI

### COMEÇAM AS COMPLICAÇÕES.

Possou o doutor uns quinze dias em casa do capitão-mor. Este curto periodo bastou para lhe avassallar inteiramente o coração.

Não via o bom do fidalgo as repugnancias da filha: presentia-as, porém, o jurisconsulto, sem as explicar, e isto mais que tudo lhe accendia a paixão. Se a morgada se lhe inclinasse de bom grado, esta facilidade achal-o-hia provavelmente tibio ou apathico.

A contrariedade, que não acertava em definir, exaltava-lhe interiormente uma cubiça adormecida.

Tal foi sempre o coração humano. É a eterna historia do pomo vedado, nada nova, mas sempre verdadeira.

A morgadinha não fazia entretanto a minima opposição. Nem queixar-se podia pois o doutor. E a quem? E de que? Ao fidalgo? Que lhe havia de dizer? Contar-lhe o diario das suas observações, das suas duvidas e receios? Riria naturalmeude, riá de certo. Entendia lá estas puerilidades! Nem elle mesmo as comprehendia. Despontava-lhe apenas o instincto d'ellas com um tormento secreto.

Só o abbade, que era fino, adivinhava alguma coisa. Mas fossem consultal-o. Não boquejava palavra. Estava bem alli, e não queria arriscar a sua commoda prebenda na residencia senhorial.

—«Mais dia menos dia, considerava elle, tudo isto vem a acabar na egreja, e depois lá se entenderão.»

Com este concludente raciocinio tapava a bocca aos escrupulos, e saudava a perpetuidade da sua aposentação na casa, á sombra dos futuros donos d'ella.

Sabia o padre fallar, e muito melhor calar-se.

Pensando na projectada alliança — e já não pensava n'outra coisa — animava-se o doutor, ou illudia-se, com dizer a si mesmo: — «Como estejamos unidos, tanto farei por agradar-lhe e merecer-lhe, que só se ella tivera um coração de fera me não retribuira os extremos com que lhe quero.»

Em taes soliloquios socegava os intimos trances. E se, vendo-a, tornava a penar, scismando estas perspectivas, tornava a consolar-se.

Que outra coisa são as incertezas em amor senão alternativas de dolorosas conjecturas e fallazes esperanças? Esse ha de sempre ser o excruciante martyrio das almas que ardem por dentro.

Quem havia de suppor coração de fera em tão gentil e donairosa creatura? Quem suspeitar indole brava em tão angelico semblante? Quem não esperára abrandal-a, de rocha que fosse, com a immensidade de um affecto verdadeiro e profundo? O fogo até pedras derrete, quanto mais donzellas. E o moço jurisconsulto sabia como lhe queimava aquelle amor!

Ai! assim elle soubesse os *modos* de captivar a esquiva. D'isto, que vinha a ser o tudo, é que o pobre se não lembrava.

Na apparencia nada estava mudado na residencia de Val-de-mil. As turbações ferviam occultas, como as lavas subterraneas, que minam longamente, e quando rebentam produzem terremotos. O fidalgo caçava frequentemente com o abbade e o Alegre, cada vez mais adiantado na privança. O doutor fechava-se dias inteiros, passeava horas esquecidas, e fallava pouco, singularidade grande n'um noivo, que todavia ninguem lhe estranhava, reputando-o naturalmente taciturno. Ignez tinha perdido o riso; mas attribuiam-n'o á proximidade do novo estado, e á seriedade com que lhe meditava os deveres.

No fim dos quinze dias, o jurisconsulto despediu-se. Voltava a casa para tratar das necessarias disposições. O fidalgo nem tratára de averiguar que impressão lhe teria feito a filha. Parecia-lhe impossivel que não ficasse doido por ella. E não se enganava muito.

Aprazou-se o casamento para depois dos Reis, no anno seguinte. Era um intervallo de tres mezes apenas. Desejava o morgado completar umas obras na casa, que lhe levariam boas seis semanas. Mettia-se depois o advento do Natal, e Ignez não se queria receber sem as bençãos. Ponderadas estas diversas difficuldades, assentou-se definitivamente na epocha ja designada. A dilação fez suspirar o doutor: ninguem lhe ouviu porém uma objecção. Como as faria em melindres de consciencia, como eram os das bençãos, que atrazavam um mez o casamento?

Consolou-se com ficar tambem ajustado o voltar para a festa, juntamente com seu pae, pois que os esponsaes haviam de celebrar-se em Murça, e os noivos não se separavam do morgado, pelo menos em quanto o sr. Diogo Montez não entrasse na magistratura, conforme se andava diligenciando.

No dia em que o pobre doutor, a sua mulinha e o seu guarda-sol abalaram de Val-de-mil, Ignez respirou, como se lhe tirassem os montes visinhos de cima do coração. Bem sabia ella que não occorrêra mudança na sua sorte, tinha só a certeza de contar ainda tres mezes de liberdade. Quem ignora que eternidade fazem tres mezes aos dezoito annos? E depois as esperanças, aquellas indefinidas esperanças, que se lhe não tiravam do sentido? Parecia-lhe que reverdeciam.

Entrou a apertar o inverno, que em taes terras vem cedo e aspero. Já se não fallava no doutor, nem no casamento, senão rara vez, como coisa irrevogavelmente assentada, e só por iniciativa do fidalgo, a proposito das obras, que eram para dispor e alargar aposentos aos futuros consortes.

Uma noite de dezembro estavam na sala de jantar o fidalgo e a morgada. Seriam oito horas já, e ainda a ceia não vinha para a mesa. Esperava-se pelo abbade, que tinha ido á villa procurar cartas e saber noticias. Offerecêra-se elle mesmo, por terem alli chegado nos ultimos dias uns rumores de estremecer, posto dal-os por extravagantes e absurdos o sr. capitão-mór.

Açoitavam de vez em quando as vidraças as rajadas da chuva puxada do sul. Ignez chegava o rosto aos vidros embaciados, a ver se na escuridão divisava o padre, que já lhe dava cuidado. O fidalgo passeiava de um lado para outro, mais impaciente que meditativo.

— Ora vejam! — dizia olhando com mortificação para a mesa posta. — Desde as duas horas! E nós aqui feitos seus criados! Tinha tempo e retempo de ir e vir duas vezes.

— Quem sabe se lhe aconteceu alguma coisa? — observou timidamente a morgada.

— O que lhe havia de acontecer? Aquillo pegou-se em casa do procurador de S. Bento, que em principiando a dar á lingua é um nunca acabar. E mais agora, com os alvoroços que por ahi andam! Tomára saber aonde vae o padre buscar tanto disparate!

— Mas dizem que são verdades!

— Que verdades! Póde-se lá crer! Ha gente séria que dê fé a similhantes vozes? O padre foi no garrano?

— Foi.

— É um animal seguro, e que sabe o caminho a palmos. Nada, não lhe póde ter acontecido nada. Esqueceu-se com a palestra. O verdadeiro é irmos para a mesa. Já é esperar de mais.

— E se o cavallo se lhe espantasse... Com a noite que está!...

— Agora! Pensas que um garranito desmonta o padre? Não é d'esses.

— Talvez haja cheia...

— Cheia! Não viste a Ribeira como ia baixa ainda? Manda pôr a ceia, manda. Venha quando quizer. Ha de me ouvir. Não se transtornam assim os costumes d'uma casa!

Era extraordinario não estar o sr. abbade á mesa para dar as graças; mas ordenava quem podia.

Poz-se com effeito a ceia, e ia assentar-se o fidalgo, sempre resmungando, quando se sentiu um tropear de cavallos no pateo.

— Ahi está o abbade, de certo — exclamou Ignez satisfeita com a opportuna chegada.

— Se é, não vem só — ponderou o fidalgo. — Quem será? Seja quem for, estamos á mesa, que entre.

D'ahi a nada assomou á porta da sala de jantar o abbade, e com elle o ouvidor, largando os capotes encharcados.

— *Benedicite!* Que noite! — disse o abbade sacudindo-se.

— Cuidei que não vinha, padre! — foi-lhe arrumando o fidalgo em ar de sotaque, apesar da presença do ouvidor.

Depois, dirigindo-se a este com a urbanidade senhoril, que lhe era innata, continuou:

— Se foi para me dar o gosto da companhia do sr. doutor ouvidor, não está só desculpado, fico-lhe agradecido.

— Agradecido ficarei eu — respondeu o intruso com egual cortezia — se me perdoar visita tão fóra de horas. E a bem dizer não é visita: venho pedir-lhe agasalho por esta noite.

— Com isso contava já. Pois com um tempo d'estes havia de tornar para a villa!

— Nem torno. Amanhã cedo sigo jornada para Villa-real.

— Grandes novidades, sr. capitão-mór — acudiu o abbade — Não lhe dizia eu? V. s. não queria acreditar!

— Ahi temos já o abbade com as suas novidades — retorquiu o fidalgo. — Guarde-as para logo. Não vê que esfria a ceia? E hão de ter necessidade de aquecer-se. Ahi tem ao pé uma garrafa da colheita de 1804. Dê-me só novas d'ella por ora. Dizia meu pae, homem de bom conselho, Deus o tenha em gloria, que novidades não prestavam senão á sobremesa. Sendo más, já não cortam o appetite; sendo boas, ajudam a degestão. Está por isto, sr. doutor ouvidor?

O ouvidor acquiesceu inclinando-se. Sentaram-se todos á farta mesa, á qual nunca fazia differença um hospede, nem mais que fossem.

Apesar da caminhada, e da hora adiantada para o costume, o abbade não parecia em maré de festejar, como de ordinario, os cozinhados succulentos da tia Brigida; o ouvidor mostrava-se preoccupado; Ignez curiosa. Só o fidalgo se desforrava conscienciosamente do tempo perdido.

Em quanto durou a comida fallou-se pouco, e nada nas taes novidades. Sabiam todos como o dono da casa era imperioso e rigido observador dos seus programmas. Não estava ainda inventado o cartaz politico.

Para o fim, elle mesmo chamou a terreiro o ouvidor e o abbade, evidentemente desejosos de desabafarem.

— Vae a Villa-real com urgencia, pelo que vejo — observou ao primeiro.

— Com tanta urgencia — respondeu este — que recebi o recado quando me estava despedindo do abbade na villa, e tratei logo de me pôr a caminho.

— Foi o motivo da demora — ponderou aqui o padre, inserindo habilmente a sua justificação.

— O juiz de fóra de Villa-real, que é meu amigo de Coimbra, manda-me dizer que lhe vá fallar sem demora — continuou o ouvidor — Conheço-o. As coisas que me diz na carta, e o modo porque insta pela minha ida, indica-me tudo que muito mais tem para me dizer, que só pessoalmente me póde communicar.

— Escreveu-lhe?

— Escreveu, e mandou-me copia de outra carta de um condiscipulo nosso, que está em Lisboa.

— E então?

— Aqui tudo chega tarde e desfigurado.

— E o que eu digo.

— Mas d'esta vez — interrompeu o abbade — o que se tem contado não é nada ao pé do que se confirma.

O capitão-mór, abalada a incredulidade, voltou-se para o ouvidor em ar de interrogação.

— Tem razão o abbade — proseguiu o magistrado — Entraram com effeito os francezes em Lisboa.

— Isso já se sabia — atalhou o capitão-mór — Se não é mais!... Os francezes! Que tem os francezes? Um bando de aventureiros, como o seu imperador, esse tal Apoleão, ou Napoleão, ou como quer que seja o nome herege que lhe pozeram... um soldado, que nem fidalgo é. Queira a corte, e verão por onde vae tudo isso!

— Nem tanto assim, sr. capitão-mór... Os exercitos de Napoleão tem vencido os melhores da Europa, e não são para tratar tanto de resto... desgraçadamente.

— Venceriam... porque não eram portuguezes — ponderou com um sorriso soberbo o fidalgo — Já vejo que é pelos estrangeiros, senhor doutor!

O capitão-mór raciocinava n'esta conclusão, como ainda hoje raciocinam os politicos ferozes, que reputam parcialidade adversa tudo o que não é cegueira apaixonada.

— Deus me defenda! — protestou energicamente o ouvidor, bom portuguez, mas um pouco mais illustrado — Deus me defenda! Sou amigo da minha terra, e, porque o sou, lamento que estes invasores sejam tão perigosos.

— Invasores! Quem falla de invasores? Esses francezes, se entraram, foi por ordem e consentimento do principe regente, nosso senhor. Sua alteza que o ordena, lá tem as suas razões. Se lhe faltarem ao respeito...

— Não faltam, porque o principe e a corte já estão muito longe.

— Que me diz!

— Embarcaram na armada para o Brasil.

— Não póde ser — exclamou o fidalgo, levantando-se impetuosamente.

— Quer negar o testimunho dos que o viram embarcar?

O capitão-mór, agitado, media o pavimento a largos passos. Ignez escutava com alvoraçada attenção.

O ouvidor continuou:

— E se fosse só isso!

— Pois mais ainda!

— O general Junot, que é o commandante do exercito francez, ficou administrando as provincias da Extremadura, Beira, e Traz-dos-Montes.

— Traz-dos-Montes! Esta provincia... a nossa provincia... governada por um estrangeiro!

— Os hespanhoes, que entraram, uns com elle, outros depois, estão já no Alemtejo e no Porto.

— Os hespanhoes tambem!... E o nosso principe fóra... E o dia de juizo.

— Querem mandar o exercito portuguez para França, e em Lisboa arriaram a bandeira nacional no castello de S. Jorge.

A esta ultima nova, o capitão-mór estacou de repente, e voltou-se para o ouvidor. Estava branco, branco, como a toalha da mesa.

— Tem certeza d'isso? — perguntou serenamente, mas com voz tal, que Ignez assustada lhe correria aos braços se um gesto d'elle não a tornasse a assentar transida no seu logar.

O ouvidor só respondeu tirando do bolso a annunciada carta, portadora de tão agourentas noticias, e apresentando-lh'a.

— Não é preciso — retorquiu o fidalgo recusando lel-a. Creio. Estas coisas custam a crer! Fiz mal!

Era outro homem, o capitão-mór. Angustiava-lhe o rosto viril a expressão d'uma dor grande e nobre. Havia na grave simplicidade dos seus modos

e palavras um como reflexo de magestade affrontada.

Esqueciam, juro, desappareciam todas as allusões e prosápias do fidalgo semi-rustico. Vivia alli o espirito da patria.

A conversação esmoreceu em breve. O capitão-mór reflectia. Os mais estavam contristados. Recolheu-se d'alli a pouco o ouvidor, que tinha necessidade de madrugar.

Tanto que ficaram sós os de casa, mandou o fidalgo chamar o Rodrigues, e disse-lhe:

— As criadas da sr.ª morgada que preparem tudo o que lhe pertence. O que me toca fica á tua conta. Amanhã ás cinco horas quero os cavallos apparelhados. O Alegre, que se aprompte tambem. Vamos para Lisboa!

Ficou tudo assombrado, menos a morgadinha, que lá no fundo do coração tinha um secreto contentamento.

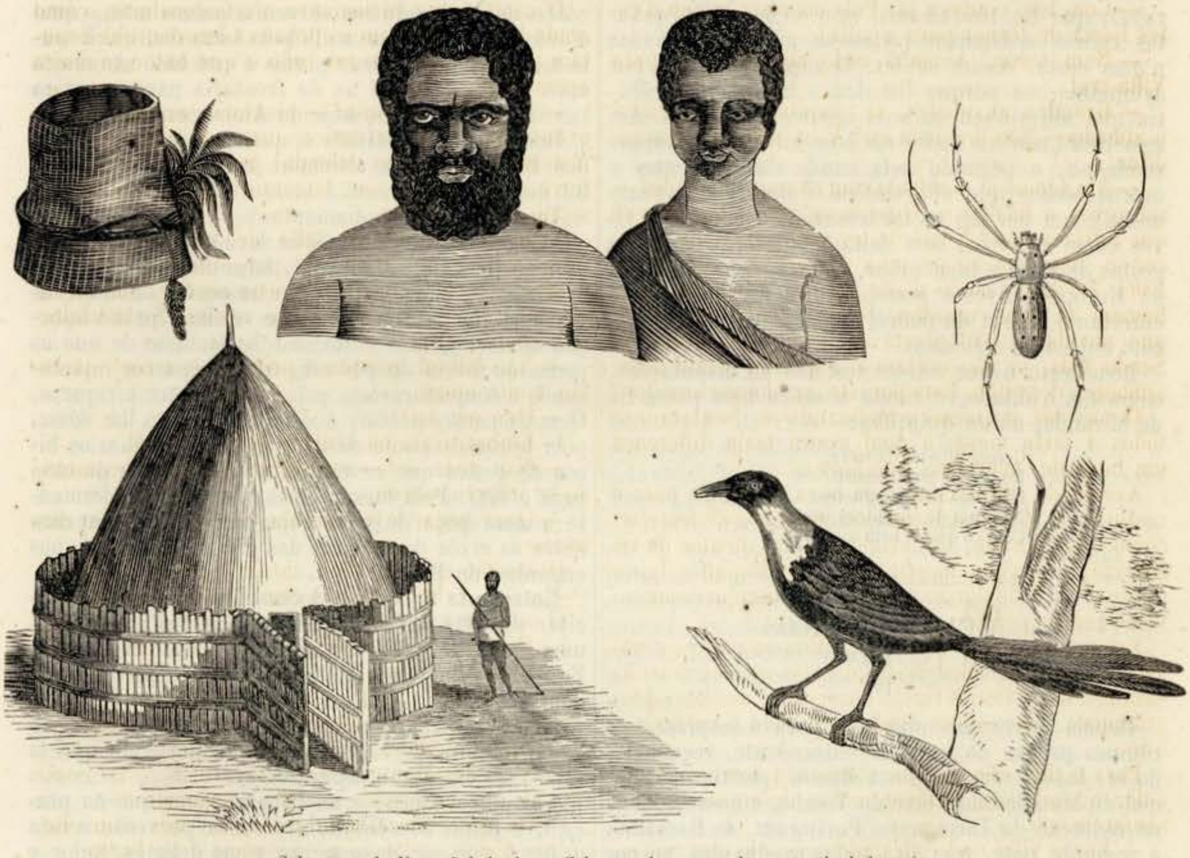
MENDES LEAL JUNIOR.

## SELVAGENS DA NOVA CALEDONIA

Apesar dos constantes esforços do christianismo com as suas missões, e da civilisação com as suas conquistas, ainda ha muitos povos que se alimentam da carne de seus similhantes, para o que os matam como nós matâmos as rezes no açougue!

São d'essa raça ferina as duas figuras, de homem e de mulher, que hoje vos apresenta a nossa estampa. Habitam a Nova Caledonia, possessão franceza na Oceania, que se compõe de um grupo de ilhas no grande oceano equinoccial, a léste da Australia.

O clima é excellente, a terra mui salubre. Não ha alli nenhuma molestia endemica, nem o sol molesta insupportavelmente os europeus como em muitas outras regiões transtropicaes. O solo, fertilissimo, é comparavel ao do Brasil. Todos os legumes da Eu-



Selvagens da Nova Caledonia. — Cabana, pêga e aranha comestivel do paiz

ropa, a vinha, o milho, a batata, o figo, etc., produz admiravelmente. A cana de assucar, o inhame, a banana, nascem alli espontaneamente sem necessidade de cultura. Tem muitas madeiras de construcção, e ultimamente se descobriram grandes minas de carvão de pedra nos arredores de Porto-de-França, que dizem ser superior ao de New-Castle.

Em tão abençoado territorio, só os habitantes são ruins, selvagens, ferozes!

Pertencem á raça negra oceanica. Tem á pelle côr de chocolate, cabello encarapinhado e mui basto, cabeça grande; mas são altos, robustos e bem postos. Como todos os pretos, são indolentes, inimigos de todo o trabalho e exercicio, excepto o da guerra, em que se mostram temerarios, astutos e ladrões cadimos. São os mais incorrigiveis anthropóphagos d'aquellas paragens, porque preferem a carne humana a toda a especie de alimento ou iguaria. Tem muita intelligencia, grande sagacidade, e não ha pretos mais ladinos do que elles. As mulheres trabalham mais que os homens; tanto no campo como em casa, e por qualquer descuido levam muita pancada. Servem os maridos como escravas, mas com muito amor; apesar d'isso, dão-lhe má vida, e não poucas vezes as matam por castigo.

Os francezes, que alli tem uma fortaleza com sua guarnição, e já hoje muito commercio de exportação, vão conseguindo desbarbarisar os novos caledonios, e parece que não são tão difficeis de domesticar, como outros muitos habitantes das ilhas do oceano Pacifico, ha meio seculo occupadas pelos europeus, mas que ainda não conseguiram corrigil-os da barbarie natural, principalmente da anthropophagia.

Alguns indigenas moços, educados em Porto-de-França, mostram aptidão para o trabalho e para o estudo, o que dá esperanças de que a raça caledonia venha a civilisar-se. Os mercadores britannicos de Sydney, que introduziram na Caledonia o uso do

tabaco, servem-se já dos indigenas para marinheiros e pescadores, e das suas forças musculares para cortar o sandalo, pau valioso de que muito abunda aquella região.

A nossa estampa é copiada de uma viagem do capitão Conneau, á Nova Caledonia, em 1858, e comprehende, além das figuras de dois indigenas, homem e sua mulher, o desenho de uma especie de barretina que elles usam; da cabana em que habitam; de uma pêga que sempre tem em casa; e de uma especie de aranha chamada *nuki*, que elles chupam a comem, como nós comemos camarões. É entre aquelles selvagens um desenjoativo muito appetitoso.

Não é isto de admirar, porque o padre Kircher na sua *China Illustrada*, conta que na corte do grão-Mogor, conhecêra um rapaz que era ophiófago (isto é, papa cobras); e que além d'isso comia quantos bichos havia. O padre, julgando a principio que era fabula, pediu a uns muchachos condiscipulos do rapaz, que lhe trouxessem, sem o elle saber, quantas cobras e lagartos podessem ajuntar, fechados n'uma cesta. Assim se fez. O rapaz, ou fosse por sympathia, ou porque lhe deu o faro, logo presentiu que alli vinham as suas iguarias deliciosas. Arremetteu (conta o padre em bom latim) á cesta, arrombou-a, e pegando pela cauda das serpentes e outros bichos, que alli vinham (alguns mui venenosos), um por um os foi trincando e engolindo vivos como estavam, sem deitar nada fóra, com taes gestos de gana e bom sabor, como se um guloso cá da Europa estivesse comendo trouxas de ovos; e entretanto se ria do padre, que estava admirado e com enjôos de estomago.

Bem certo é que em gostos não ha disputações, como diz o ditado, e rimou o nosso bom poeta Sá de Miranda, n'esta quintilha:

Comes tubaras da terra,
Eu não as posso comer.
Não haja por isso guerra;
Nenhum de nósoutros erra:
Come o que te bem souber.

---

## A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 95)

IV

Depois de termos mandado para a imprensa as ultimas provas do capitulo antecedente, recebemos do sr. João Pedro da Costa Bastos, peritissimo official diplomatico da Torre do Tombo, e nosso collega na redacção do Diccionario Portuguez, de Ramalho, a seguinte nota, que tira todas as duvidas, se por ventura restasse alguma, sobre se ter concluido a casa dos Bicos.

Depois do terremoto de 1755, mandou o marquez de Pombal fazer um tombo geral das propriedades da cidade Lisboa, para se regularem as novas edificações, e tambem as reedificações e aforamentos.

No tombo do bairro da Ribeira (Liv. 2.º fol. 9) está a medição das propriedades da praça da Ribeira, começada em 28 de fevereiro de 1756, sendo inspector da medição o desembargador João Ignacio Dantas Pereira, e engenheiros os capitães Gregorio Rebello Guerreiro Camacho, Francisco José de Mello e José Monteiro de Oliveira. Ahi se acha medida e descripta a casa dos Bicos pelo seguinte modo:

«Propriedade de Francisco Xavier de Mello, chamada dos Bicos, que tem de frente noventa e tres palmos e dois terços; e de fundo, athé á *rua do Albuquerque*, noventa e seis palmos, com loje sobreloje e *dous andares*, com paredes communas com as vesinhas.»

Aqui estão pois tiradas todas as duvidas. A casa ou palacio dos Bicos tinha dois andares, o andar nobre e outro por cima. Ainda mais se deduz, ser esta casa de tal ordem, que, apesar de haver alli tanta casaria afidalgada, esta, pelo seu edificador, deu nome á rua, para a qual suppomos que tinha a entrada principal, e as armas que daremos copiadas no seguinte numero.

No curioso «Mappa de Portugal» de João Baptista de Castro, edição de 1763, vem mencionada entre as ruas que havia na freguezia da Sé, antes do terremoto, a do Albuquerque. É a que hoje se chama do Almargem, e se prolonga com a das Canastras. Para esta rua do Almargem tem porta o armazem do sr. C. Lopes da Silva, que foi de certo a principal da casa dos Bicos, e ainda se lhe vêem as hombreiras lavradas no mesmo estilo das que deitam para a actual rua dos Bacalhoeiros.

A face revestida de bicos de cantaria, que deitava para a ribeira ou praia, conjecturâmos ser as costas da casa, com sua serventia para o mar, o qual d'antes se espreguiçava alli pela terra dentro. E tanto assim parece, que as portas d'este lado são muito mais acanhadas que as da frontaria para a antiga rua do Albuquerque, hoje do Almargem.

Dando como resolvido o quesito sobre se a casa dos Bicos se havia ultimado ou não, passemos ao 3.º que é:

Teve ou não teve diamantes?

Já dissemos que a tradição dava como certo terem aquelles bicos seu diamante, falso dizem alguns, encravado em cada ponta. Não ha porém nenhum indicio de tal, segundo se pode verificar pela inspecção ocular. Que o edificador se jactasse de que os podia ou havia de pôr alli, não nos parece inverosimil, a conjecturarmos pelo seu caracter e riqueza. O mais certo, porém, é que tal nome se lhe désse, pela feição de ponta de diamante que tinham os bicos de pedra que revestiam aquella frente da casa para o mar. Pela mesma analogia se chama diamante a uma peça de pau, cuja ponta triangular fica entre os eixos da moenda das canas de assucar, nos engenhos do Brasil.

Entretanto temos um documento que poderia suscitar duvidas, se a coisa não fosse tão absurda. É uma carta do celebre e elegante auctor classico D. Francisco Manuel de Mello, escripta ao auctor, tambem classicó, da *Vida de D. João de Castro*, Jacinto Freire de Andrade, da prisão do Castello, em 28 de novembro de 1638. Dando-lhe parte de que ia ser solto, escreve o seguinte:

«Já tomei casas, e na Ribeira, peor que na praça [1], e junto aos *Diamantes*. Será porventura esta a pena que me dessem por meus delictos, velos e desejalos, á maneira d'aquella agua e d'aquellas maçãs de Tantalo.»

«Mas é muito para considerar, *que estas casas se chamam egualmente dos Bicos que dos Diamantes*. Tudo deve de ser uma mesma coisa, os diamantes e os bicos, para os que os tem e para os que os desejam.»

Á vista d'esta lamentação, da cubiça mal afortunada, poderá alguem suppor que D. Francisco Manuel soffria realmente, como elle diz, o supplicio de Tantalo, vendo tanto diamante, e não os possuindo.

Faça cada qual as supposições que quizer, que nós fazemos conta que tudo isto se resolve n'uma das muitas satyras feitas ao bastardo de Affonso de Albuquerque.

Passemos ao 4.º quesito, que em parte fica respondido com as ponderações que acabâmos de fazer.

[1] Allude certamente ao proverbio: Quem faz casa na praça, uns dizem que é alta, outros que é baixa. Isto mostra que o sítio era dos mais fallados, como hoje, por exemplo, o chiado.

N'este 4.º quesito, se pergunta — porque se chama a esta casa dos Diamantes, em escriptos quasi coevos da sua edificação, não os tendo ella tido, como se affirma agora?

O primeiro escripto que encontrámos, onde se falla n'esta casa, é o «Livro da armaria Universal» manuscripto da Bibliotheca publica de Lisboa. A fl. 207 estão blazonadas, com as côres proprias, as armas dos Albuquerques, e por baixo, em letra do seculo XVII: *Assim estão nas suas notaueis casas dos diamantes da Ribeira de Lisboa.*

Os *Estrangeiros no Lima* egualmente lhe chamam dos Diamantes, como já citámos. D. Francisco Manuel, na carta já mencionada, diz que se lhe chamava *egualmente* dos Bicos e dos Diamantes. A doação de 1649, que já transcrevemos, chama-lhe dos Bicos, e assim todos os impressos e manuscriptos posteriores a esta data. Fôra curioso vermos como a denominava o proprio Affonso de Albuquerque no seu testamento; mas d'elle não podémos alcançar mais, que a verba tocante á trasladação dos ossos de seu pae, do convento da graça de Lisboa para a egreja de Azeitão, a que n'outro capitulo havemos de dar cabida.

O certo é que a denominação de casa dos Diamantes trocou-se pela dos Bicos, talvez depois da morte do edificador, em 1580. Alguem nos deu já a razão, e foi, que fallecendo Affonso de Albuquerque, os diamantes dos bicos da sua casa da Ribeira entraram em partilha, e cada um dos herdeiros levou o seu quinhão, ficando só as pontas ou bicos de pedra, parte dos quaes ainda hoje alli se conservam, e por estes foi desde então, e ainda hoje é conhecida a celebre casa até que venha algum novo senhorio levantar o predio, e apagar de todo esta antigualha, cujas paredes foram levantadas com os soldos e moradias do grande conquistador e fundador do imperio oriental da nação portugueza no seculo XVI.

Ao menos valha-nos a certeza de que deixâmos aos nossos vindouros uma copia exacta d'esta casa monumental, nas paginas do *Archivo Pittoresco.*

---

## ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Continuando as observações que já temos feito, ácerca da regencia das preposições, na construcção grammatical da nossa lingua, notaremos hoje, que tendo alguns grammatistas escripto, que o verbo contentar apenas admittia depois de si a preposição *com*, sem darem outra razão mais que a de não haverem encontrado nos classicos outro regime, cumpre refutar similhante asserção, que provêm de ignorancia ou de leviandade.

Que pela maior parte se acha nos classicos o verbo contentar seguido da preposição *com*, é certo; e parece ser esta a que lhe convem e teve primordialmente. Mas como a preposição *de*, tem muita applicação, por euphonia, e faz as vezes de outras muitas, da lingua portugueza, nos melhores escriptores antigos e modernos, vemos usada, ora uma, ora outra, segundo melhor sôa na oração.

Por exemplo, Vieira diz no mesmo sermão (t. 11. n. 223):

«Contente-se cada um *de* crescer dentro da esphera do talento que Deus lhe deu. No ar contente-se a andorinha *com* ser andorinha. No mar contente-se a rémora *com* ser rémora. Na terra contente-se a formiga *com* ser formiga.»

Vê-se que na primeira oração usou da preposição *de*, para evitar a dissonancia, a aspereza, e talvez o equivoco, se dissesse *com crescer*. D'aqui devem tirar exemplo os principiantes, para substituir ou transpor as diversas partes das orações, quando virem que do contrario se não póde alcançar a suavidade e harmonia genial da nossa lingua, pois para isso tem faculdade concedida pelas leis grammaticaes, e auctoridade dos bons escriptores. Ainda mais. João de Barros que, além de classico foi auctor da segunda grammatica que se imprimiu da lingua portugueza, frequentemente emprega a preposição *de* em vez de *com*, depois do verbo contentar; como por exemplo, no panegyrico da infanta D. Maria, pag. 18: «Não se contentava (a infanta) *de* lhe fazer tanta vantagem nos bens, etc.

Tambem achámos este verbo regido com a preposição *em*, só n'um auctor, mas de bons quilates, que tal é, e será sempre, em quanto se fallar portuguez, D. Francisco Manuel de Mello. Se não foi erro de imprensa, póde servir de escudo. É nos *Apologos Dialogaes*, o primeiro, dos «relogios fallantes»:

«Nenhuma arvore vereis que se contente *em* ficar no estado em que a plantaram.»

Inclinâmo-nos a crer que foi erro de imprensa, porque tão primoroso escriptor, não repetiria a mesma palavra n'uma sentença tão curta.

Entretanto não quizemos occultar este exemplo, para se archivar, e nos servir, a seu tempo, no proseguimento do intricado estudo da regencia das preposições da nossa lingua, auxiliados pela grammatica inédita do joven professor da eschola normal de Lisboa, o sr. Julio Caldas, á qual já temos alludido.

---

## O CAMELEÃO

Já descrevemos o burro e o camelo, animaes que servem para simile do homem estupido; agora vamos tratar do cameleão, que egualmente se toma por typo do adulador, do cortezão, do aulico; e actualmente dos politicos e jornalistas que mudam frequentemente de opinião e de partido.

É certo que o cameleão muda continuamente de côr, o que deu origem ao proverbio, commum em todas as linguas: «Variavel como o cameleão.» Todos repetem este proverbio, mas poucos tem conhecimento exacto das causas que determinam esta variação. Em poucas palavras o explicaremos, segundo as observações dos naturalistas e physicos modernos.

O cameleão é uma especie de lagarto, tendo a cabeça desproporcionadamente grande, a modo de peixe, com focinho comprido. É quadrupede, mas nos seus movimentos tão vagaroso, que mais se arrasta do que anda. Por isso fórma, na ordem dos reptis, uma especie á parte.

Tem cauda comprida, conica, nervosa e recurvada na ponta. A lingua é tão longa, que tem o comprimento do corpo do animal, e termina por um tuberculo viscoso, com o qual apanha os gafanhotos, moscas e outros insectos de que se alimenta, fazendo da lingua o mesmo que o elephante faz da tromba.

A pelle é granulosa, mosqueada, lisa, avelludada e fria ao tacto.

Habita em todas as regiões quentes, na Asia menor, na Syria, no Egypto, na Africa septentrional, e tambem no meio-dia da Hespanha.

Os auctores não são conformes na orthographia do nome do cameleão. Os gregos e latinos, e á imitação d'elles os nossos, escrevem *camaleão*, e assim anda nos diccionarios portuguezes, dizendo que se diriva de *pequeno leão*, pela analogia que tem este reptil, nos seus movimentos, com o rei dos animaes.

Todavia os modernos escrevem *cameleão*, dizendo que este nome se deve formar de dois substantivos, *camelo e leão*, porque o cameleão se assimilha mui-

to ao camelo por ter o lombo corcovado, e a cauda conica. Esta orthographia é a que está hoje adoptada na sciencia.

A faculdade que tem o cameleão de mudar de côr, deu origem a muitas fabulas, e grande celebridade a similhante animal, cançando-se muitos sabios em explicar este phenomono, desde Aristoteles na Grecia, até Brücke na Alemanha, o qual escreveu um livro inteiro a respeito do cameleão!

Eis em resumo o que diz este sabio naturalista.

«A propriedade que tem o cameleão de mudar a côr, depende de muitas circunstancias. Mas é hoje averiguado, que resulta da influencia da luz solar ou artificial, mais ou menos intensa; e tambem, até certo ponto, da temperatura e do estado hygrometrico do ar que cérca o animal. Influem tambem para isto as sensações que elle experimenta.»

Por esta simples indicação, feita em resultado de repetidas experiencias, para as quaes o auctor teve á sua disposição uma duzia de cameleões por muitos dias, se prova que este brutinho tem sido calumniado até hoje, attribuindo-se-lhe a mutação das suas côres a certa manha, similhante á dos aduladores, que tomam a côr e sabor dos que elles cortejam.

Dizia-se que o cameleão tomava a côr dos objectos a que se aproximava, ou que o dominavam. É falso, segundo as recentes observações da sciencia. Não muda senão por influencia invencivel da luz. Exposto ao sol, faz-se quasi preto; estando ás escuras fica pardo: e a meia luz reveste-se de tanta variedade de côres, que não ha mais bello matiz em toda a natureza.



O Cameleão

É para notar, que isto mesmo que publica actualmente o sabio naturalista allemão, de européa fama, o tinha escripto já no principio do seculo passado, um fradinho portuguez, fr. João Pacheco, da ordem dos agostinhos calçados. Vejam quão desconhecidos e ignorados andam os nossos bons auctores.

Brücke diz tambem que as paixões do animal actuam sobre a mutação da sua côr. É tambem o que affirma fr. João Pacheco n'estas poucas palavras.

«Querem alguns que a diversidade das côres do cameleão seja effeito das paixões que o movem: e dizem que, estando alegre, se deixa ver de côr tirante a verde esmeralda, entresachada de listões pardos e negros: irado se faz escuro e livido: estando com medo se faz pallido, ou amarello desmaiado.»

Outro falso testimunho levantaram os antigos ao cameleão, e foi dizerem que se sustentava do ar. N'isto não se parecia elle com os politicos e cortezãos, que são todos de muito comer.

Já o nosso auctor tinha asseverado ser fabuloso dizer-se que o ar era o alimento do cameleão, e que com a boca aberta bebia os raios do sol. O que é certo, continúa o nosso frade, é que vive de insectos que apanha com a lingua, sempre cheia de humor viscoso, despedindo e recolhendo, com admiravel velocidade e destreza, este glutinoso instrumento da sua caça.

O cameleão que representa a nossa estampa, foi ultimamente desenhado do natural, em Montpellier, por mr. Charles Nove.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio